

MORTE DE UM FUNCIONÁRIO

Numa bela noite, Ivan Dmítritch Tcherviakov, excelente funcionário responsável pela manutenção do seu escritório, estava no teatro, sentado na segunda fila da plateia, e olhava pelo binóculo para *Os Sinos da Cornualha*. Olhava e sentia-se no céu. Mas, de repente... Nos contos, este «mas, de repente» aparece muitas vezes. Os autores têm razão: a vida está cheia de surpresas! Mas, de repente, a cara dele franziu-se... afastou os olhos do binóculo, revirou-os, reteve a respiração e... a-a-tchim!!! Espirrou, como o leitor está a ver. Ninguém, em lado algum, está proibido de espirrar. Espirram os mujiques, os chefes da polícia e, às vezes, os próprios conselheiros privados. Espirram todos. Tcherviakov não se embaraçou, limpou a boca com o lençinho e, como pessoa educada, olhou à sua volta para verificar se incomodara alguém com o seu espirro. Aí, viu que tinha motivos para se embaraçar. Um velho da primeira fila, mesmo à sua frente, limpava cuidadosamente a careca e o pescoço, e murmurava qualquer coisa. Tcherviakov reconheceu nele o general civil Brizjállov, do Departamento dos Transportes.

«Salpiquei-o! — pensou Tcherviakov. — Não é meu chefe, mesmo assim é incómodo. Tenho de pedir desculpa.»

— Excelência, peço desculpa por tê-lo salpicado... foi sem querer.

— Não faz mal...

— Desculpe, por amor de Deus. É que foi... sem querer...

— Ah, fique sossegado, por favor! Deixe ouvir!

Tcherviakov, envergonhado, esboçou um sorriso estúpido e voltou a olhar para o palco. Olhava mas já não sentia qualquer prazer. Já o atormentava a inquietação. No intervalo, aproximou-se de Brizjálvov, pôs-se a girar, hesitante, à sua volta e, transpondo a timidez, murmurou:

— Excelência, salpiquei-o... Desculpe... É que... foi sem intenção...

— Ah, deixe lá isso... Já me tinha esquecido, e volta o senhor outra vez! — disse o general, mexendo de impaciência o lábio inferior.

«Diz que esqueceu, mas com que sarcasmo nos olhos — pensou Tcherviakov, lançando olhares desconfiados ao general. Nem quer falar. Tenho de lhe explicar que não tive intenção... que é uma lei da natureza, senão ainda pensa que lhe quis cuspir de propósito. Se não o pensa agora, vai pensar de certeza mais tarde!...»

Chegado a casa, Tcherviakov contou à mulher sobre o seu descuido mal-educado. A mulher, pelo que lhe pareceu, reagiu ao incidente de maneira demasiado leviana: apenas se assustou um pouco, mas quando soube que o Brizjálvov era um general «alheio» acalmou-se.

— Mesmo assim, vai pedir-lhe desculpa — disse ela. — Senão ele vai pensar que não sabes comportar-te educadamente em sociedade!

— Pois é, é isso exactamente! Já lhe pedi desculpa, mas ele... mostrou-se esquisito... Não disse nada definitivo. A ocasião também não era boa para conversar.

No dia seguinte, Tcherviakov vestiu o seu uniforme novo, cortou o cabelo e foi a casa de Brizjálvov para lhe dar esclarecimentos... Na sala de espera já estavam várias pessoas, o próprio general já tinha começado a receber os solicitantes. Depois de ter ouvido vários, o general olhou para Tcherviakov.

— Ontem, na Arcádia, se Vossa Excelência se lembra — começou o funcionário —, eu espirrei para cima de si e... salpiquei-o sem querer... Peço descul...

— Que disparate... É incrível! Diga lá, meu caro senhor, o que deseja? — dirigiu-se o general ao requerente seguinte.

«Não quer falar! — pensou Tcherviakov, empalidecendo. — Significa que está agastado... Não, não posso deixar isto assim... Tenho de lhe explicar...»

Quando o general acabou de conversar com o último requerente e se dirigia para os aposentos interiores, Tcherviakov deu um passo atrás dele e murmurou:

— Excelência! Atrevo-me a incomodar Vossa Excelência, mas faço-o movido pelo sentimento de arrependimento, juro!... Não foi de propósito, o senhor sabe!

O general esboçou uma careta chorosa e abanou a mão.

— Está a gozar comigo ou quê, excelentíssimo senhor? — disse, desaparecendo atrás da porta.

«Que gozo pode haver nisto? — pensou Tcherviakov. — Não há gozo nenhum! É general mas não consegue perceber! Muito bem, já que é assim, não volto a pedir desculpa a este fanfarrão! Pr'ó diabo com ele! Escrevo-lhe uma carta, mas nunca mais lhe apresento desculpas pessoalmente! Juro, nunca mais!»

Assim pensava Tcherviakov enquanto caminhava para casa. Não chegou a escrever a carta ao general. Pensou muito, mas não havia meio de conseguir a bom termo a redacção. Viu-se obrigado a, no dia seguinte, ir dar esclarecimentos ao general.

— Ontem vim incomodar Vossa Excelência — murmurou quando o general ergueu para ele uns olhos interrogativos —, mas não foi por gozo, como Vossa Excelência se dignou exprimir. Peço desculpa por tê-lo salpicado em consequência de um espirro... mas quanto a gozar, não tive qualquer intenção a esse respeito. Como me atreveria a gozar Vossa Excelência? Se nos puséssemos a gozar, não haveria qualquer respeito... pelas personalidades...

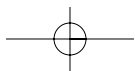
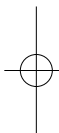
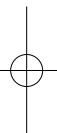


— Fora daqui!! — berrou subitamente o general, sacudido pela fúria, a cara rubra.

— O quê? — sussurrou Tcherviakov, esvaindo-se de pavor.

— Fora daqui!! — repetiu o general, batendo com os pés.

No ventre de Tcherviakov rebentou qualquer coisa. Sem ver nem ouvir nada, recuou até à porta, saiu para a rua, arrastou-se... Chegou maquinalmente a casa, deitou-se sem tirar o uniforme e... morreu.



A FILHA DE ALBION

Aproximava-se da casa do proprietário rural Griábov uma excelente caleche com pneus de caucho, assentos de veludo e cocheiro gordo. Da caleche saltou o decano da nobreza distrital Fiódor Andréitch Ottsov. Recebeu-o no vestíbulo um laçaiio sonolento.

— Os senhores estão? — perguntou o decano.

— Não, senhor. A senhora e os filhos saíram de visita, e o senhor e mais a *Mam'zelle* preceptora estão a pescar. Desde manhãzinha.

Ottsov pensou um pouco e resolveu ir ao rio procurar Griábov. Encontrou-o a duas verstás da casa, na margem do rio. Olhando para baixo, para o sopé da margem abrupta, Ottsov não conteve o riso... Griábov, um homem corpulento, gordo, com uma cabeça volumosa, estava sentado na areia, à turca, e pescava. Ao lado dele estava uma inglesa alta, esgrouviada, com uns olhos proeminentes de lagostim, o nariz grande como bico de ave... ou antes, aquilo era mais um gancho do que um nariz. Trazia um vestido de musselina branca que lhe deixava transparecer os ombros magros e amarelos. Do cinto dourado pendia-lhe um relógio dourado. Pescava, também. Reinava o silêncio dos mortos à volta de ambos. Ambos estavam imóveis como o rio em que fluíam as bóias das suas canas.